Evento: XXX Jornada de Pesquisa

FEMINIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, TRABALHO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS[1]

Alexa Fagundes dos Santos[2], Isabel Koltermann Battisti[3]

[1] Escrita produzida a partir de atividades desenvolvidas como Bolsista CAPES.
[2] Bolsista CAPES, mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ).
[3] Professora Dra. em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ).

INTRODUÇÃO

A educação sexual no contexto escolar envolve debates fundamentais sobre gênero, poder e identidade, com especial relevância social ao articular duas dimensões críticas da educação contemporânea: a precarização do trabalho docente — que afeta principalmente mulheres — e os desafios no enfrentamento de violências e discriminações. Joan Scott define gênero como "[...] um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (Scott, 1995, *apud* Estacheski, 2016, p. 63), destacando sua centralidade na análise das dinâmicas educacionais. No Brasil, esse debate enfrenta resistências de setores conservadores, que associam a discussão de gênero e sexualidade à ameaça de valores tradicionais (Scott, 2012 *apud* Estacheski, 2016).

A feminização do magistério — historicamente vinculada ao cuidado e à educação — revela as desigualdades de gênero no trabalho docente. A associação entre "educar" e "cuidar" reforça estereótipos que precarizam a profissão, majoritariamente exercida por mulheres (Vianna, 2013). A educação sexual, nesse cenário, é uma ferramenta essencial para promover cidadania e respeito à diversidade, humanizando a escola (Rüsen, 2015 *apud* Estacheski, 2016).

Contudo, a falta de formação docente para abordar gênero e sexualidade perpetua práticas fragmentadas e excludentes (Estacheski, 2016). Este estudo analisa como a feminização do trabalho docente e os desafios da educação sexual se entrelaçam, demandando políticas públicas e práticas pedagógicas transformadoras. O objetivo é refletir criticamente sobre as implicações de gênero nas práticas educativas, com ênfase nas dinâmicas que

atravessam a formação docente e o ensino da sexualidade, a partir deste corpus bem delimitado de referências.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica sistemática, com consulta no *Google* Acadêmico, utilizando os descritores "feminização trabalho docente", "feminização da docência educação sexual" e termos correlatos.

A revisão incluiu artigos, teses e dissertações de periódicos científicos, totalizando em 5 obras fundamentais que compõem o *corpus* de análise deste estudo: Estacheski (2016), Lima (2015), Ribeiro; Monteiro (2019), Vianna (2013), Wolff; Saldanha (2016), além de autores referenciais como Scott (1995) e Butler (2003) citados nestas obras. A seleção priorizou produções que possibilitam captar tanto a historicidade do processo de feminização quanto os debates mais recentes sobre educação sexual no contexto brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feminização do magistério na educação básica está intrinsecamente ligada a processos históricos que associam o trabalho docente às mulheres, sob a justificativa de características "naturais" como sensibilidade e capacidade de cuidado. Como destaca Louro, "[...] *a escola, como um espaço social que foi se tornando, historicamente,* [...] *um locus privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres, é ela própria, um espaço generificado* [...]" (1997, *apud* Lima, 2015, p. 3, grifo do autor). Essa construção social, iniciada no século XIX, consolidou-se com a industrialização, permitindo que mulheres da classe média branca conquistassem espaços profissionais, embora sem abandonar as responsabilidades domésticas (Lima, 2015).

A docência, especialmente nos anos iniciais, passou a ser vista como extensão das funções domésticas, com Lima (2015, p. 5) argumentando que "[...] o magistério passa a ser visto como uma atividade que poderia e deveria paulatinamente ser exercido conjuntamente com as atividades do lar". Essa naturalização reforça o que Hirata e Kergoat (2007, *apud* Lima, 2015) denominam de divisão sexual do trabalho, onde as mulheres são majoritariamente responsáveis pelo cuidado e inseridas em profissões de menor reconhecimento social. Como resultado, enfrentam condições de trabalho precarizadas e

desvalorização salarial (Demartini e Antunes, 1993 *apud* Vianna, 2013), configurando o que Lima (2015, p. 1-2) descreve como "[...] no modelo patriarcal capitalista a presença e, atual, predominância de mulheres no exercício da docência tem se pautado pela divisão sexual do trabalho, [...] carrega uma sobreposição de explorações [...] na destinação de remuneração inferior à dos homens".

No campo da educação sexual, os desafios são igualmente complexos. Como aponta Estacheski (2016), muitos professores demonstram interesse em incluir a temática em suas práticas, mas relatam falta de formação para abordar questões de gênero e diversidade de maneira adequada. Essa fragilidade resulta em abordagens que, segundo Rüsen (2015 *apud* Estacheski, 2016), falham em reconhecer que a valorização da diversidade humana não destrói, mas humaniza a educação. A teoria *queer*, ao desafiar categorias fixas, questiona justamente essa rigidez normativa, com Butler (2003 *apud* Wolff e Saldanha, 2016) argumentando que o corpo não pode ser entendido sem o discurso que lhe atribui um gênero.

A intersecção entre feminização do magistério e educação sexual revela tensões profundas. Enquanto Vianna (2013) observa que as profissões associadas ao cuidado são estigmatizadas como "femininas", Ribeiro e Monteiro (2019) alertam para os retrocessos nos debates sobre sexualidade, especialmente após 2015, quando discursos conservadores buscam revogar os avanços conquistados. Como conclui Scott (1995, *apud* Estacheski, 2016, p. 63), ao definir gênero como "[...] um primeiro modo de dar significado às relações de poder", fica evidente que tanto a feminização docente quanto os debates sobre sexualidade na escola são expressões de lutas mais amplas por reconhecimento e equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida demonstrou que a feminização do trabalho docente e os desafios da educação sexual constituem fenômenos profundamente entrelaçados na educação básica brasileira. A investigação do processo histórico revelou como a naturalização da associação entre docência e cuidado se consolidou como mecanismo de precarização profissional, com base nas contribuições de Lima (2015) e Vianna (2013). Contudo, permanece como desafio pesquisas futuras que aprofundem as interseccionalidades com raça e classe neste processo.

No âmbito da educação sexual, confirmaram-se as fragilidades formativas dos professores apontadas por Estacheski (2016), agravadas pelos retrocessos políticos analisados por Ribeiro e Monteiro (2019). As estratégias de superação propostas - formação docente crítica, políticas públicas robustas e ressignificação do cuidado como dimensão profissional - mostraram-se consistentes teoricamente, embora sua implementação em diferentes contextos escolares ainda demande investigações específicas.

A educação sexual emerge como campo estratégico para desconstrução de estereótipos de gênero e valorização da diversidade. Para tanto, torna-se imperativo qualificar a formação docente para abordagens interseccionais, implementar políticas educacionais que garantam condições materiais e institucionais, e ressignificar o cuidado como prática profissional coletiva, não atributo de gênero.

A escola, enquanto espaço social privilegiado, apresenta-se como lócus fundamental para essas transformações. A articulação entre a superação da precarização do trabalho docente, marcado pela feminização da profissão, e a consolidação de uma educação sexual crítica pode fomentar ambientes educacionais verdadeiramente democráticos e equitativos. Este estudo reforça a importância de abordar conjuntamente essas dimensões como elementos indissociáveis na construção de uma educação transformadora ou capaz de contribuir na emancipação de todos os envolvidos.

A superação dos desafios exige compromisso coletivo com práticas pedagógicas e políticas institucionais que enfrentem as desigualdades estruturais e promovam efetivamente o respeito à diversidade no espaço escolar, ultrapassando dicotomias historicamente construídas.

Palavras-chave: Feminização do magistério; educação sexual; gênero no trabalho; formação docente; políticas de gênero na educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pela bolsa e a Unijuí pelo apoio ao evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet. Gênero na escola sim, mas como fazer? *In*: BUENO, André da Silva; ESTACHESKI, Dulceli Tonet; CREMA, Everton Carlos (org.). **Gênero, educação e sexualidades**: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos.

Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2016. p. 63-79.

LIMA, Admilson Marinho de. Feminização do trabalho docente. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-8. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434395313_ARQUIVO_TextoCompletoparaANPUH.pdf . Acesso em: 20 dez. 2024.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 1254-1264, 2019. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12701 . Acesso em: 20 dez. 2024.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Abaré, 2013. p. 159-180. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253470/mod_resource/content/1/A%20feminiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Magist%C3%A9rio%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20e%20os%20desafios%20para%20a%20pr%C3%A1tica%20e%20a%20identidade%20coletiva%20docente%20%282013%29.pdf . Acesso em: 20 dez. 2024.

WOLFF, Cristina Schneibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. *In*: BUENO, André da Silva; ESTACHESKI, Dulceli Tonet; CREMA, Everton Carlos (org.). **Gênero, educação e sexualidades**: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos. Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2016. p. 14-41.